17 AGOSTO 2024
Suplemento integrante do Jornal de Notícias.
Não pode ser vendido separadamente.

INSTAGRAM

FLAMENGO ESTENDE A PASSADEIRA A CÉDRIC

"Mengão" procura convencer o lateral direito, de 32 anos, a rumar ao futebol brasileiro. Jogador está livre, depois de ter terminado contrato com o Arsenal

O Flamengo está empenhado em reforçar o plantel, concretamente para o lado direito, e Cédric Soares, 32 anos, ex-Arsenal, em modo livre depois de ter terminado contrato com os "gunners", está em cima da mesa para fortalecer o setor defensivo. O experiente jogador, com ADN Sporting, onde cumpriu a formação, esteve até há pouco tempo a treinar na Cidade do Futebol, em Oeiras, para cuidar da forma física, enquanto não surgia um convite tentador, o que acontece agora com a possibilidade de rumar ao futebol brasileiro e alinhar num clube que luta por títulos.

Ao que o JN apurou, o cenário agrada a Cédric, mas o processo encontra-se ainda numa fase embrionária, faltando discutir, por exemplo, a duração do contrato. Cédric, campeão da Europa em 2016, para além do Arsenal e Sporting, representou a Académica (2011/12), Inter de Milão (Itália), Southampton e Fulham. ● ARNALDO MARTINS

DOSSIÊ

VIAGEM ATÉ ÀS ORIGENS DA DUPLA DE OURO OLÍMPICO

Iúri Leitão e Rui Oliveira, vencedores olímpicos de madison em Paris, afirmaram-se como ciclistas de excelência, alcançando um inédito ouro, na estreia lusa em provas masculinas de pista. Os corredores nortenhos foram os primeiros portugueses a chegar ao título nos Jogos, fora do atletismo. Iúri, também prata em omnium, é mesmo o primeiro luso a ganhar duas medalhas, no mesmo evento. O JN percorre os episódios e relata curiosidades das carreiras do novo duo de ouro. JOÃO FARIA

Iúri Leitão
"Voador" que já avariou a pedaleira

Primeiro português com duas medalhas na mesma Olimpíada é muito competitivo. Ciclista profissional que corre por diversão

Apaixonado pelo ciclismo, Iúri Leitão, campeão em madison (medalha de ouro) e "vice" em omnium (prata), nos Jogos Olímpicos de Paris, aproveita tudo para desafiar os próprios limites.

O primeiro português a obter duas medalhas na mesma Olimpíada é conhecido por "Flying Piggy", ou seja, o "Leitão voador", sendo habitual estampar um porco rosa, no equipamento.

Iúri começou no ciclismo aos seis anos, incentivado por um amigo do pai, iniciando a vertente de pista dez anos depois, o que divide com as provas de estrada. Natural de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo, tem 26 anos e representa, desde 2022, os espanhóis do Caja Rural.

Quem o conhece bem assegura que o profissional corre por diversão. João Matias, corredor e amigo de Iúri, frisa, ao JN, que o duplo medalhado de Paris é uma pessoa "um pouco explosiva. Vive como corre, sempre a alta rotação". À cabeça vem-lhe um episódio em março, em Hong Kong, que comprova a "personalidade acelerada" do campeão olímpico. "Chegámos, estávamos no quarto do hotel e a ideia era combater o 'jet lag', mas ele pegou numa raquete de ping-pong e fez mais de 50 tentativas até a bola acertar num copo. Só então fomos descansar."

Para este ciclista, o sucesso de Iúri é o culminar de uma trajetória que tinha vaticinado: "Em 2019 ele ainda era um bocado verde, mas lembro-me de, numa corrida, ter arrancado de trás e passado toda a gente! Eu aí disse que no dia em que ele aprendesse a correr ia ser um fora de série. Paris provou isso", realça João Matias.

Gabriel Mendes, selecionador português e treinador de Iúri Leitão, realça o "feito ímpar" do corredor vianense, elogiando-lhe a "capacidade de trabalho e a sistemática vontade de melhorar".

Ao JN, o técnico recorda que, certo dia, no Velódromo de Sangalhos, Anadia, Iúri, sempre com vontade de se superar, no final de um treino pediu para executar uma tarefa extra. Queria percorrer um quilómetro, no menor tempo possível. A experiência correu tão bem que o potenciómetro, pedaleiro de bicicleta que serve para medir a potência no treino e na competição, avariou! "Tive de enviar o aparelho para a garantia...", conta, a sorrir, Gabriel Mendes. ●

THOMAS SAMSON / AFP

Rui Oliveira
Ironia do destino e a força de um supersticioso

Campeão de madison foi aos Jogos face à lesão do irmão gémeo. O mano mais velho ofereceu-lhe a primeira bicicleta

"Ainda não consigo explicar como aquilo foi possível", diz, ao JN, Fernando Oliveira, pai de Rui Oliveira, ciclista que, no último sábado, fazendo dupla com Iúri Leitão, conquistou a medalha de ouro em madison, nos Jogos Olímpicos de Paris.

Em Rechousa, Canelas, Gaia, os dias que se seguiram à grande conquista em Paris têm sido agitados. "Agora está a acalmar e eu próprio já ando mais tranquilo", acrescenta o pai de Rui Oliveira, antigo diretor desportivo de ciclismo que passou aos três filhos o gosto pela modalidade. O filho mais velho, Hélder, de 41 anos, já retirado, foi quem ofereceu aos gémeos a primeira bicicleta. Competia em estrada, ao contrário de Rui e Ivo, de 27 anos, que fazem também pista.

Gabriel Mendes, selecionador português, diz que se trata de um "não assunto" dado que a convocatória e a competição já são passado, mas a convicção geral, assumida pelo próprio pai dos gémeos, é que seria Ivo a ir correr com Iúri em Paris, se entretanto não se tivesse lesionado. Rui pensou desistir dos Jogos e dar o lugar ao irmão, com o argumento de que ele próprio nunca ganhara uma corrida. "Andava triste e fiz-lhe acreditar que era possível vencer", adianta Fernando Oliveira, que recorda outro episódio com o filho Rui, anos antes, que culminou com a conquista da primeira medalha em pista: "Teve uma queda grande e foi assistido. Estava cheio de dores, mas disse-lhe que Deus é grande e que amanhã era ouro dia. Foi correr e ficou em segundo..."

Ao contrário de Iúri Leitão, Rui tem tido carreira mais forte na estrada, fazendo parte das equipas da Emirates, desde 2019. Os tempos nos juniores no Clube da Bairrada e na Liberty Seguros já lá vão. "É uma excelente pessoa, simpático, humilde e muito trabalhador", resume Fernando Oliveira.

Gabriel Mendes, selecionador português, também elogia o novo campeão, realçando, a sorrir, um episódio ocorrido no dia em que Rui chegou ao ouro. Supersticioso, o ciclista gaiense não quis levar a camisola que estava definida para a eventual ida ao pódio, preferiu outra peça de roupa.

No fim, como ganhou mesmo uma medalha, teve de improvisar: "Foi de fato de treino ao pódio! Até nos rimos do que acontecera", conclui.●

A felicidade do mestre da fábrica dos campeões

Gabriel Mendes, técnico das seleções de ciclismo, está no Velódromo de Sangalhos desde a fundação

João Faria
joao.faria@jn.pt

O selecionador português de ciclismo de pista, Gabriel Mendes, considera que as duas medalhas alcançadas por Portugal na modalidade, nos mais recentes Jogos Olímpicos, são o culminar de 14 anos de trabalho, após a construção do Velódromo de Sangalhos, no concelho de Anadia.

"Tenho um orgulho muito grande por todas as pessoas que trabalham comigo, a restante equipa técnica e os atletas", salienta, ao JN, Gabriel Mendes.

Doutorando na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, o selecionador português, de 46 anos, é natural da Marinha Grande, Leiria, mas tem passado grande parte do tempo, na última década e meia, mais a norte.

"Foi possível construir uma seleção de raiz, fazê-la crescer, desenvolver um projeto e ter uma equipa fantástica", acrescenta Gabriel Mendes que, entre todas as categorias (juniores, sub-23, elites e paraciclismo), trabalha, no total, com 25 atletas.

Sobre os novos campeões olímpicos, o selecionador português só tem a dizer bem: "São atletas de eleição, que têm uma enorme vontade de trabalhar, de aprender e melhorar".

No caso de Iúri Leitão, treina o ciclista vianense na vertente de pista e de estrada, enquanto no que diz respeito a Rui Oliveira só o dirige no segmento de pista.

Do ponto de vista pessoal, volta a elogiar a postura dos dois novos campeões olímpicos. "São pessoas muito genuínas e extrovertidas, o que ajuda na luta pelos melhores resultados", frisa.

Dependendo da época do ano e dos objetivos competitivos a curto e médio prazo, o volume de trabalho no Velódromo de Sangalhos varia entre as 15 e as 25 horas semanais. "Antes dos Jogos Olímpicos, os treinos não passavam das duas horas diárias. São normalmente sessões muito intensas", pormenoriza.

Desde que o Velódromo foi inaugurado, Portugal já alcançou 65 medalhas, em diferentes provas internacionais. "É gratificante verificar os resultados obtidos e, simultaneamente, um estímulo grande para o futuro", conclui Gabriel Mendes, já a pensar em Los Angeles 2028.●

IVO PEREIRA / GLOBAL IMAGENS

Gabriel Mendes trabalha com 25 ciclistas em Sangalhos

NA HORA

Etapa	agosto	km
1	17	12
2	18	191
3	19	182
4	20	167
5	21	170
6	22	181
7	23	179
8	24	159
9	25	178
10	27	160
11	28	164
12	29	133
13	30	171
14	31	199
15	1 set	142
16	3	181
17	4	143
18	5	175
19	6	168
20	7	188
21	8	22

VUELTA JOÃO ALMEIDA COM FIBRA PARA VENCER

Ciclista português está no lote de candidatos à vitória e inicia corrida a jogar em casa

José Pedro Gomes
desporto@jn.pt

CICLISMO A edição 2024 da Volta a Espanha, que hoje se inicia, tem tudo para ser especial para Portugal, não só porque o arranque da prova, com as três primeiras tiradas, acontece nas estradas nacionais, como também porque um dos favoritos à vitória final é o luso João Almeida.

Aos 26 anos, o ciclista natural das Caldas da Rainha tem tudo para confirmar o estatuto de um dos melhores corredores portugueses de sempre, num percurso recheado de montanha, o habitat natural para mostrar qualidades.

Numa corrida com 3265 quilómetros, divididos em 21 etapas, que arranca em Lisboa e termina em Madrid, o facto de haver apenas uma jornada talhada para os sprinters demonstra bem que as subidas serão o prato forte desta Vuelta. Aliás, entre as três grandes provas da modalidade, esta será, neste século, a que tem mais acumulado de elevação (61500 metros).

Assim, os trepadores serão os grandes protagonistas dos próximos dias, e mesmo num pelotão sem as grandes estrelas da atualidade, como Tadej Pogacar, Jonas Vingegaard ou Remco Evenepoel, há um lote entusiasmante de candidatos à camisola vermelha final, o símbolo da liderança nesta prova espanhola.

Além de João Almeida, depois de um brilhante quarto lugar na recente Volta à França, onde foi um dos escudeiros do vencedor Tadej Pogacar, também o companheiro de equipa na UAE-Emirates, Adam Yates, está no lote de potenciais vencedores.

Os maiores rivais da dupla da equipa do Médio Oriente são o norte-americano Sepp Kuss (Visma-Lease a Bike), surpreendente vencedor da edição de 2023, que regressa para defender o título, e o esloveno Primoz Roglic (Red Bull-BORA-hansgrohe), que já venceu a Vuelta por três vezes.

Numa segunda camada, a armada espanhola composta por Enric Mas (Movistar), Mikel Landa (Soudal-QuickStep) e Carlos Rodríguez (INEOS), com a motivação de correr em casa, prometem estar na decisões, tal como o equatoriano Richard Carrapaz (EF-Education-Easy Post) ou o inglês Tao Geoghegan Hart (Lidl-Trek), que venceu a prova em 2020.

Apesar de liderança bicéfala da UAE-Emirates com Adam Yates, João Almeida parte com a vantagem de jogar em casa no arranque desta Vuelta, que nas três rondas iniciais vai passar por Lisboa, Oeiras, Cascais, Ourém, Lousã e Castelo Branco. O ciclista português já prometeu que vai dar o melhor: “Se nas corridas no estrangeiro o apoio dos portugueses já se destaca, então aqui acho que vai ser incrível”, disse João Almeida na apresentação da prova.

Também a representar as cores nacionais nesta Vuelta estarão os veteranos Rui Costa (EF-Education) e Nélson Oliveira (Movistar), ambos regressados da prestação nos Jogos Olímpicos.●

FUTEBOL

A. F. PORTO TEM MAIS CLUBES NO CAMPEONATO DE TODO O PAÍS

Associação mantém liderança no total de participantes numa competição que espelha um país de desigualdades, mas também de resistentes sonhadores

JOSÉ CARMO

Coimbrões subiu ao Campeonato de Portugal, depois de ter sido campeão da A. F. Porto e ter conquistado a Taça

Rui Almeida Santos
desporto@jn.pt

CAMPEONATO DE PORTUGAL O quarto escalão do futebol nacional, que arranca este fim de semana, tem na A. F. Porto uma espécie de farol, uma vez que lidera, desde 2018/2019, o rácio de clubes participantes por associação. Esta época serão nove, mais três do que Braga e cinco do que Lisboa e Setúbal, mas já chegaram a ser 14, em 2020/2021, temporada em que o campeonato foi reformulado, encolhendo de 96 equipas para 60, antes de se chegar às 56 atuais.

Este é, com propriedade, o Campeonato de Portugal, o único do país com representantes de todas as regiões, ilhas incluídas. Também ele inclinado para o litoral, com 36 clubes originários de distritos à beira-mar plantados. Um desequilíbrio que obrigará, mesmo numa prova estruturada por zonas geográficas, o Sintrense, de Lisboa, a percorrer mais de 300 quilómetros para defrontar o Moncarapachense, no Algarve, e vice-versa. É a deslocação mais longa do campeonato, excetuando as viagens às ilhas.

Comprimido entre os apaixonantes distritais e a mediática Liga 3, este é um campeonato que continua a rasgar o país de ponta a ponta, de Viana do Castelo a Bragança, Peniche a Elvas, em muito pela tenacidade dos bravos resistentes do interior. Tanta portugalidade numa competição em que resistir afigura-se como um ato de coragem, muitas vezes inglório. Que o digam os representantes do distrito da Guarda, que desde que a prova ganhou a denominação de Campeonato de Portugal, em 2015, nunca conseguiram evitar a despromoção.

Portalegre, por outro lado, voltará a ter, nove temporadas depois, mais do que um representante, O Elvas e Arronches e Benfica, sendo que este último veio do distrital sem ter sido campeão. O título foi conquistado pelo "crónico" Mosteirense, um clube de palmarés rico localmente, mas que continua sem se aventurar para lá da raia alentejana. E se, no final da década passada, eram os poucos apoios a refrear as ambições, agora os próprios regulamentos, por si só, inviabilizam a subida, já que o clube não está certificado pela FPF como entidade formadora. "Estes campeonatos nacionais não são para clubes do Interior do país", já dizia o presidente do Mosteirense, Francisco Martins, em 2019. Uma frase que continua, cinco anos depois, a merecer reflexão. ●

CAMPEONATO DE PORTUGAL - PRIMEIRA FASE

SÉRIE A

JORNADA 1 DOMINGO

Vitória B	(Hoje - 17h)	Pevidém
Brito SC	(17h)	Limianos
Paredes	(17h)	Dumiense
Sandinenses	(17h)	Atl. Arcos
Bragança	(17h)	Vianense
Rebordosa	(17h)	Tirsense
Joane	(17h)	Vila Real

SÉRIE B

JORNADA 1 DOMINGO

Guarda	(11h)	Camacha
Alpendorada	(11h)	Marítimo B
Gondomar	(17h)	Cinfães
U. Lamas	(17h)	Coimbrões
Beira-Mar	(17h)	Leça
Salgueiros	(17h)	Marco 09
Machico	(17/11 - 15h)	Régua

SÉRIE C

JORNADA 1 DOMINGO

Mortágua	(17H)	O Elvas
Pombal	(17H)	A. Benfica
Marialvas	(17H)	Fátima
Alcaíns	(17H)	Pêro Pinheiro
Peniche	(17H)	Sertanense
B. C. Branco	(17H)	Alverca B
Marinhense	(17H)	União 1919

SÉRIE D

JORNADA 1 DOMINGO

Serpa	(17H)	Amora
Barreirense	(17H)	Moura
L. Évora	(17H)	Lagoa
Fabril	(17H)	Sintrense
Moncarapachense	(17H)	C. Indústria
Estrela FC	(17H)	Louletano
Operário Lagoa	(16H)	Est. Amadora B

FAVORITOS

HISTÓRICOS ENTRE OS CANDIDATOS

A lista de candidatos à subida à Liga 3 é extensa, encabeçada pelos despromovidos Vianense e Amora. Juntam-se-lhes clubes como o Pevidém, o Tirsense, o Paredes, o Marco 09, o Marinhense ou até o Sintrense, com Nani a integrar o grupo de novos investidores na SAD. Sem esquecer, claro, históricos como o Salgueiros, o Beira-Mar ou o Barreirense. Isto num campeonato em que a promoção é decidida numa segunda fase.

CLUBES

2021/2022	(60)
Braga	5
Madeira	3
Viana do Castelo	2
Vila Real	3
Porto	9
Bragança	2
Viseu	2
Aveiro	2
Coimbra	2
Guarda	1
Açores	5
Castelo Branco	5
Leiria	2
Lisboa	5
Portalegre	1
Algarve	5
Évora	2
Beja	1
Setúbal	2
Santarém	1

2022/2023	(56)
Viana do Castelo	2
Porto	10
Braga	5
Vila Real	2
Bragança	1
Aveiro	2
Madeira	3
Viseu	3
Guarda	1
Lisboa	5
Santarém	3
Leiria	2
Castelo Branco	3
Portalegre	1
Évora	2
Açores	3
Algarve	4
Setúbal	2
Beja	2

2023/2024	(56)
Viana do Castelo	1
Braga	6
Porto	10
Madeira	3
Vila Real	3
Bragança	1
Aveiro	3
Viseu	2
Santarém	2
Açores	3
Leiria	2
Lisboa	4
Coimbra	1
Castelo Branco	3
Guarda	1
Setúbal	3
Algarve	3
Évora	2
Portalegre	1
Beja	2

2024/2025	(56)
Viana do Castelo	3
Bragança	1
Braga	6
Porto	9
Vila Real	2
Aveiro	2
Madeira	3
Viseu	2
Guarda	1
Castelo Branco	3
Portalegre	2
Santarém	1
Lisboa	4
Coimbra	2
Leiria	3
Setúbal	4
Évora	2
Algarve	3
Beja	2
Açores	1

DIA DO CLUBE

SC CAMPO NÃO VIRA A CARA À LUTA E MANTÉM AMBIÇÃO

Emblema de Valongo enfrenta problemas com sistema de rega e dificuldades na formação, mas todos lutam para sobreviver

AMIN CHAAR

PLANTEL Guarda-redes: Gonçalo Queirós e Paulo Rocha **Defesas:** Rafael, Pedro Mota, Manu, Bertinho, Conde e Carvalho **Médios:** Diaby, Vitinha, Vasco Rebelo, Ramiro, Leitão, Torres e Micael **Avançados:** Martinho Té, Adão Careca, China, Kadima, Kiko, Rui Lamas e Rebelo **Equipa técnica:** Pedro Gonçalves (treinador) e Pedro Jesus (adjunto)

António M. Soares
desporto@jn.pt

DISTRITAL O SC Campo não desiste de ir à luta e enfrentar os problemas que têm perseguido o clube nos últimos anos. Desde a carência de infraestruturas às dificuldades na formação, o presidente Rui Pereira não esconde o desagrado. "A dinâmica do clube passa pelos atletas da formação, pelo que todos os anos são uma incógnita, porque sofremos um assalto dos clubes vizinhos e alguns já têm escalões com cinco equipas. Depois ainda pedem à Câmara para lhes marcar jogos nas nossas instalações. Vivemos uma situação desigual, porque os pequenos clubes têm muito pouco peso na Associação de Futebol do Porto. Mas um dia ainda vamos ter uma equipa A a jogar contra a B de um mesmo clube", diz, em jeito de crítica. "Esta época, não vamos conseguir abrir uma equipa de juniores, porque não temos jogadores suficientes", aponta.

A formação mantém-se, ainda assim, como o principal foco da Direção. "As pessoas cansam-se com estas situações e com o assédio aos nossos jovens. Continuamos, apesar de tudo, a apostar na formação, porque algumas crianças só conseguem jogar aqui, porque têm poucas possibilidades e aqui pagam apenas 15 euros, se os pais forem sócios", argumenta Rui Pereira.

Mas os problemas do SC Campo não se ficam por aqui e o presidente acredita que, no caso do sintético, pesaram na reta final da época passada. "Não subimos por causa da falta de decisões políticas, que não nos permitiram ter rega no sintético, porque a obra tem-se arrastado. Por causa disso, no final da época passada, tivemos jogadores que sofremos várias lesões graves, que acabaram por nos condicionar", explica. Entretanto, a rega do sintético continua por resolver: "Ninguém tem a certeza que estará a funcionar no arranque da época. Até adiamos a apresentação".

Apesar de tudo, ambição é coisa que não falta no clube. "É difícil dizer que vamos subir, porque é um campeonato muito equilibrado, mas temos a ambição de lutar por algo mais. Queremos andar no pelotão da frente e depois logo se vê. Temos problemas que nos condicionam, mas todos têm feito de tudo para que nada falte e estamos aqui para arranjar soluções", explica o treinador Pedro Gonçalves, que, na época passada, trabalhou no Estrelas de Fânzeres. ●

SPORTING CLUBE DE CAMPO

Fundação: 09-02-1931
Local de jogos: Estádio António Jorge da Costa
Sócios: 270
Palmarés: Duas vezes Campeões II Divisão da A. F. Porto

FIGURA

Pedro Carvalho
Capitão

O defesa, de 32 anos, demonstra bom astral: "Temos um bom plantel. Estamos cá com ambição, porque acreditamos nos nossos jogadores".

REPORTAGEM

JOSÉ CARMO

"Nunca me imaginei neste papel, porque o que gosto é de fazer bifanas", diz Isabel Nunes, presidente do GDBL. A família integra a Direção e é um apoio fundamental

PAIXÃO PELO GDB LEÇA JUNTOU A FAMÍLIA NA AVENTURA

Presidente Isabel Nunes tem o marido e duas filhas na Direção do clube, que luta pela sobrevivência

António M. Soares
desporto@jn.pt

BASQUETEBOL O Grupo Desportivo de Basquete de Leça (GDBL) podia ter hoje as portas fechadas, não fosse a entrega de uma família, que tem vivido o clube há anos e que as circunstâncias empurraram para assumir a gestão. Mas esta é, sobretudo, mais uma prova de que as instituições são aquilo que os associados são capazes de levar a cabo e que o dinamismo e entrega com que se dedicam faz realmente a diferença, mesmo quando a agulha das contas está colada ao vermelho e desaconselha aventuras. Mas os apaixonados mergulham de cabeça.

"A certa altura, o clube ficou ingovernável e chegámos à conclusão que já não tínhamos condições e que o melhor era arranjar uma nova liderança, porque a relação com os pais estava a degradar-se. A Direção demitiu-se, entretanto, e ficou marcada uma assembleia geral para 8 de julho. Antes, a 30 de junho, no Torneio José Lopes, fui abordada para criar uma lista e liderá-la. Nunca me imaginei nesse papel, porque o que eu gosto é de fazer bifanas e ajudar o pessoal", explica Isabel Nunes, eleita presidente do clube de Matosinhos.

A ela juntou-se o marido, José Gomes, antigo atleta do clube reconvertido em vice-presidente, as filhas Helena Gomes, treinadora e secretária do Conselho fiscal, e Ana Isabel, treinadora e suplente da Direção. "Todos trazem valências e acabam por acrescentar", completa José Gomes. A família acabou implicada num projeto que pretende, sobretudo, "não deixar cair o clube", como sublinha Isabel Nunes, que também é professora há 31 anos.

Para trás tinha ficado um projeto fracassado por causa de um patrocinador que falhou à Direção anterior e desequilibrou as contas. As ajudas de custos aos treinadores deixaram de ser pagas e acumularam-se, e no defeso, vários atletas até já iam a caminho de outros clubes, porque o ambiente que reinara no GDBL tinha ficado seriamente afetado. Mas, quando souberam de uma nova Direção liderada por Isabel Nunes, quase todos fizeram marcha-atrás.

O que não falta no clube são outras famílias com vários elementos envolvidos. Muitos são atletas, ou ex-atletas, que se entregam a várias tarefas para que o emblema leceiro sobreviva. "Temos muitas contas para pagar, a situação está difícil. Queremos honrar os nossos compromissos e aceitamos correr o risco, porque gostamos do clube, que nasceu no Dia da Criança, a 1 de junho de 1972, e não o quisemos deixar morrer. Estamos a trabalhar e acho que as pessoas nos deram o benefício da dúvida", argumenta Isabel Nunes.

Nas últimas semanas, a sede tem sido utilizada para angariar verbas através de diversas iniciativas da Direção. "A dinamização da sede tem permitido juntar cada vez mais pessoas. Acabamos por alargar a família do GDBL", salienta, orgulhosa, a presidente. "Estamos a tentar, porque tínhamos cerca de 300 atletas, e quase todos iriam desistir de praticar basquetebol", sublinha o marido e vice-presidente.

"Além disso, temos os nossos filhos cá e acabamos por deixar um legado, quando muitos dos diretores de hoje foram ex-jogadores, ou treinadores, do clube", acrescenta José Gomes. "Há um apego familiar no GDBL, que não encontrei em mais nenhum clube. Aqui vive-se um espírito mais bairrista e o relacionamento é diferente", remata Patrícia Domingues, relatora do Conselho Fiscal. ●

BILHETE DE IDENTIDADE

Nome: GDB Leça
Fundação: 01/06/1972
Atletas na formação: 300

INTERNACIONAL

MILHÕES DE TODD BOEHLY ATÉ ATRAPALHAM OS TREINADORES

Chelsea volta a ser o clube que mais gastou em contratações e vai iniciar a Premier League com 50 jogadores no plantel

X CHELSEA

Balneário foi aumentado para caberem todos os atletas. Chegou a ser preciso trocar de roupa nos corredores

Vasco Samouco
desporto@jn.pt

INGLATERRA Ainda Graham Potter era treinador do Chelsea e o plantel dos “blues” era de tal modo extenso que, segundo conta, o balneário teve que ser aumentado para caberem todos ou, pelo menos, a maioria. De acordo com notícias vindas a público mais tarde, o plantel era tão grande que, mesmo com todos os remendos nas instalações, houve alturas em que alguns jogadores tiveram de trocar de roupa nos corredores, além de se sentarem no chão durante as palestras devido à falta de espaço nos bancos. Entretanto, passou mais de um ano desde que o treinador inglês saiu e o cenário não mudou assim tanto. É possível até que tenha piorado, pelo menos para Enzo Maresca, técnico contratado no final da época passada mas que não tem mãos a medir com tanto fluxo de contratações em Stamford Bridge, que às 16.30 horas de amanhã recebe o Manchester City para a primeira jornada da Premier League.

Desde maio de 2022, altura em que Todd Boehly sucedeu a Roman Abramovich como proprietário, o emblema londrino contratou 40 futebolistas e gastou mais 1,3 mil milhões de euros, muito mais do que qualquer outro clube. Muitos deles andam por aí e nem sequer se estrearam oficialmente. Pela terceira janela de transferências consecutiva, os “blues” superam toda a concorrência não só em gastos com novos jogadores como no número de reforços, fazendo do atual aquele que já é tido como o plantel mais numeroso da história da liga inglesa.

Ao todo, de acordo com uma recolha da BBC, Maresca conta com 55 jogadores, entre eles nove guarda-redes e 15 médios. Desses, uma dezena foram contratados desde junho, por 190 milhões, e o mais provável é que esse número seja superior quando o mercado fechar, a 1 de setembro, sendo João Félix um dos nomes em cima da mesa para se juntar à multidão que deambula pelas instalações dos “blues”.

Ora, a estratégia, que inclui ainda contratos de longa duração (há vários que só terminam depois de 2030), causa estranheza, principalmente porque cada clube só pode ter 25 jogadores inscritos na liga inglesa, oito dos quais têm que ser formados localmente.

No entanto, não há limite para o número de jogadores sub-21 que podem figurar na lista de inscrições, o que, segundo a “Sky Sports” e por incrível que pareça, ainda dá alguma margem de manobra a Todd Boehly para continuar a pôr os milhões a circular e brincar aos plantéis. Enquanto isso, Enzo Maresca que se desenrasque, coisa que nem Potter nem Frank Lampard nem Pochettino conseguiram. ●

OPINIÃO

NORBERTO A. LOPES
Editor

Rui Costa pode pagar uma fatura muito alta

Há uma pergunta que os adeptos colocam: será que Roger Schmidt perdeu qualidades? Na época de estreia foi campeão pelo Benfica, fez uma fase de grupos irrepreensível na Champions e a equipa praticou um futebol de alta qualidade. O treinador alemão tem virtudes e defeitos como qualquer ser humano, mas a partir do momento em que o plantel foi perdendo qualidade todas as fragilidades do técnico ficaram mais expostas. Logo na primeira época, o Benfica ficou sem Enzo Fernández e começou a soluçar e a perder identidade, enquanto na época passada Grimaldo e Gonçalo Ramos deixaram um rombo que ninguém foi capaz de preencher.

Perante as dificuldades, Schmidt foi-se afundando à custa de uma incapacidade para mexer nos jogos quando é preciso encontrar uma solução tática diferente. Em Famalicão, por exemplo, a equipa andou perdida por falta de atitude, mas também pelo excesso de músculo com a aposta em muitos médios de combate, em vez de jogadores virtuosos para ajudarem o desamparado Pavlidis no ataque. Sem extremos, muito dificilmente um grande consegue abrir defesas bem arrumadas, o que aumenta a dose de preocupação se David Neres for transferido para o Nápoles. Isto para não dizer que Leandro Barreiro é um clone de Florentino e Renato Sanches até pode ter tudo, menos a inteligência tática de João Neves.

Rui Costa tem agora uma enorme batata quente, porque há dois anos cometeu um erro ao renovar o contrato do treinador, oferecendo-lhe um aumento salarial que também funciona como uma barreira num possível despedimento. A verdade é que o Benfica parece estar a afundar-se e Schmidt já está debaixo de água há algum tempo e, por arrasto, pode também colocar o presidente submerso. Depois de todos os soluços da época passada e da incapacidade do treinador em muitos jogos, a solução mais razoável teria sido conduzi-lo à porta de saída. Rui Costa não o fez e agora pode pagar uma fatura demasiado alta. ●